



ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 20/12/2024

Aceito em:04/04/2025

Publicado em: 10/06/2025

Afroafetos na formação docente: (Auto)narrativas de cuidado ontoepistêmico no MAfroEduc Olùkó

Afroaffects in teacher training: (Self)narratives of ontoepistemic care in MAfroEduc Olùkó

Afroafectos en la formación docente: (Auto)narrativas de cuidado ontoepistêmico en MAfroEduc Olùkó

Soraia Lima Ribeiro de Sousa¹
Fernanda Lopes Rodrigues²
Raimunda Nonata da Silva Machado³



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe18932>

Resumo: O Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Afrocentrada (MAfroEduc Olùkó), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), carinhosamente chamado por suas integrantes como Quilombo Acadêmico, tem produzido estudos que tensionam o campo da episteme moderna, com ênfase na produção ontoepistêmica de perspectivas descoloniais e afrocentradas, especialmente, na formação docente. Este estudo objetiva discutir a noção de afroafetos a partir de (auto)narrativas de cuidado fundamentadas em cosmopercepções africanas, a partir de nossas experiências de ser e estar na academia com o MAfroEduc Olùkó. No aspecto metodológico, faz-se o uso das (auto)narrativas de integrantes deste grupo de pesquisa destacando, de modo particular, os afroafetos, práticas de cuidados e estudos afrocentrados que conduzem a outros saberes e práticas intersubjetivas e antirracistas, em diálogo com hooks (2017; 2020; 2022; 2023), Castiano (2010), Piedade (2017), Lorde (2021), dentre outras/os. Esses outros modos de ser e estar na academia, durante a formação docente inicial ou continuada, faz com que o MAfroEduc construa campos possíveis (Carvalho, 2009) que desafiam as estruturas acadêmicas tradicionais, propondo fazeres científicos

¹ Universidade Federal do Maranhão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7998495503398429>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4895-292X>. Contato: soraia.lima@ufma.br

² Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3722376485880809>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5237-4918>. Contato: fernanda.lr@ufma.br

³ Universidade Federal do Maranhão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5162649800057919>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7754-8128>. Contato: raimunda.nsm@ufma.br



que estabelecem outros pilares fundamentais na afrodocência (Sousa, 2023), tais como: a coletividade, a ancestralidade e as práticas de cuidado.

Palavras-chave: Afroafetos. Formação docente. (Auto)narrativas. Afrocentricidade.

Abstract: The Study and Research Group on Afrocentric Education (MAfroEduc Olùkó) at the Universidade Federal do Maranhão (UFMA), affectionately called "Quilombo Acadêmico" by its members, has been producing studies that challenge the field of modern episteme, with an emphasis on the ontoepistemic production of decolonial and Afrocentric perspectives, particularly in teaching education. This study aims to discuss the notion of Afro-affects based on (self)narratives of care grounded in African cosmoperceptions, stemming from our experiences of being and belonging in academia with MAfroEduc Olùkó. Methodologically, it uses the (self)narratives of members of this research group, highlighting especially Afro-affects, care, and Afrocentric studies that lead to other forms of knowledge and intersubjective and anti-racist practices, in dialogue with hooks (2017; 2020; 2022; 2023), Castiano (2010), Piedade (2017), Lorde (2021), among others. These other ways of being and belonging in academia, during initial or continuing teacher education, enable MAfroEduc to create possible fields that challenge traditional academic structures, proposing scientific practices that establish new fundamental pillars in Afro-teaching (Sousa, 2023), such as: collectivity, ancestry, and practices of care.

Keywords: Afro-affects. Teaching education. (Self)narratives. Afrocentricity.

Resumen: El Grupo de Estudios e Investigación sobre la Educación Afrocentrada (MAfroEduc Olùkó) de la Universidad Federal do Maranhão (UFMA), cariñosamente llamado por sus integrantes como Quilombo Acadêmico, ha producido estudios que tensionan el campo de la episteme moderna, con énfasis en la producción ontoepisteme de perspectivas descoloniales y afrocentradas, especialmente en la formación docente. Este estudio tiene como objetivo discutir la noción de los afroafectos a través de (auto)narrativas de cuidado basadas en cosmopercepciones africanas, a partir de nuestras experiencias de ser y estar en la academia con MAfroEduc Olùkó. En el aspecto metodológico, se hace uso de las (auto)narrativas de los integrantes de este grupo de investigación destacando especialmente los afroafectos, cuidados y estudios afrocentrados que conducen a otros saberes y prácticas intersubjetivas y antirracistas, en diálogo con hooks (2017; 2020; 2022; 2023), Castiano (2010), Piedade (2017), Lorde (2021), entre otros/os. Estos otros modos de ser y estar en la academia, durante la formación docente inicial o continuada, hacen que el MAfroEduc venga a realizar campos posibles que desafían las estructuras académicas tradicionales, proponiendo hechos científicos que establecen otros pilares fundamentales en la afrodocencia (Sousa, 2023), tales como: la colectividad, la ancestralidad y las prácticas de cuidado.

Palabras clave: Afroafectos. Formación docente. (Auto) narrativas. Afrocentricidad.

1 Introdução

É quinta-feira, 16h. Dia de reunião do MAfroEduc Olùkó. Já separei o biscoito, comprado previamente, como contribuição ao lanche partilhado, tal como combinado no grupo do whatsapp. Já verifiquei, durante a semana, o que vamos discutir hoje, porque o planejamento dos Círculos Epistêmicos Afrocentrados (CEAfros)⁴ são partilhados e construídos coletivamente com todo o grupo. O material de leitura pode ser facilmente acessado no drive, em nossa biblioteca virtual. Cheguei cedo, organizei a sala e fui abrindo os arquivos do encontro no computador. Walquíria chegou bem cedo, também. Veio trazendo Alyne, sempre com sorrisos tímidos, a quem dá carona quando tem encontros, já que moram no mesmo bairro em São Luís - MA. Walquíria chegou relatando estar machucada, pois caiu na calçada de

⁴ Modo como denominamos os ciclos de estudos temáticos do MAfroEduc Olùkó realizados semestralmente.



casa, minutos antes de vir para a UFMA. Estava com um pouco de gelo para diminuir o inchaço do joelho que, vez ou outra, dava sinais de dor, visíveis na sua expressão facial. Levantei, abracei as duas e começamos a falar e rir da vida, dos nossos estudos, de nossas famílias. Logo, chegou a Profa. Raimunda com notebook, datashow, biscoitinhos, suco e mais uma porção de livros para partilhar/emprestar a quem se interessasse pelas leituras. Desta vez, lembrou de trazer os mimos africanos que trouxe de Moçambique, por ocasião de sua participação no Programa Caminhos Amefricanos⁵. Levantei, dei um abraço nela e fomos organizar o datashow para início dos trabalhos. Fernanda, com alegria e alto astral que lhe são próprios, chegou e, mais uma vez, admiramos que ela estava com o cabelo diferente, pois a cada encontro ela aparece com um novo visual. Guaciara trouxe a cafeteira para alegria de todas e logo providenciou aquele café quentinho para aquecer a alma e nos inspirar nos debates. Também chegaram Maura, sempre deslumbrante, e Clénia, com seu jeito meigo que nos acalma sempre que fala - lembrei como sua serenidade se parece com a de minha mãe. Depois de iniciadas as discussões, chegou Victória. Ela estava doente, então perguntei como que se sentia no momento. Profa. Raimunda a chamou para sentar mais pertinho dela, que informou rapidamente ter melhorado um pouco e já podia retomar algumas atividades.

Debatemos teorias, partilhamos narrativas, experiências e histórias nossas enquanto desfrutamos de nosso lanche partilhado. Paramos as discussões, muitas vezes, para rir. Aprendemos, discordamos em alguns aspectos, buscamos soluções coletivas e eu sempre alertando o avançado da hora. No MAfroEduc, por vezes, nos perdemos no horário, e, quando nos damos conta já são 19h, momento em que precisamos encerrar para não correremos o risco de ficar presas no prédio. Ao final de cada encontro, volto para casa com a convicção de que é possível conceber uma academia e uma formação docente a partir de espaços seguros de aprendizagens, construídos por meio do afroafeto.

A (auto)narrativa acima, embora no singular, poderia representar a narrativa de qualquer integrante do grupo MAfroEduc Olùkó - UFMA. Poderia ser contada de outra maneira, tecida com outras palavras, em outro ritmo. O afeto e o senso de coletividade estariam, sem dúvida, presentes no relato, pois nossas vivências, histórias e aprendizagens são sempre partilhadas e entrecruzadas, assim como as responsabilidades e o cuidado

⁵ O Programa Caminhos Amefricanos é uma iniciativa do Governo Federal, por meio do Ministério da Igualdade Racial, executado pela Universidade Federal do Maranhão que tem por finalidade “estimular e promover a socialização de conhecimentos, experiências e políticas públicas que contribuam com o combate e a superação do racismo no Brasil e da História e Cultura Africana e da Diáspora Africana, para a Educação das Relações Étnico-Raciais, viabilizando a implementação de ações de intercâmbio internacional de curta duração”. Em 2024, foram realizadas as edições: Moçambique, Cuba, Colômbia e Cabo Verde. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/multinacional/programa-caminhos-amefricanos>>. Acesso em: 09 dez. 2024.



mútuo, que nos sustentam enquanto grupo. Nesse espírito de partilha e construção coletiva, a partir de agora, nos expressamos no plural.

O Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Afrocentrada (MAfroEduc Olùkó), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), carinhosamente chamado por suas integrantes como Quilombo Acadêmico, surge a partir do projeto de pesquisa intitulado “Professoras Afrodescendentes no Magistério Superior – vozes epistêmicas”. O termo MAfroEduc é utilizado para se referir às Mulheres Afrodescendentes na Educação e Olùkó é uma expressão em iorubá, muito usada com sentido de professora/or e/ou mestra/e, também significa lugares de encontro para estudo, pessoas que se encontram para estudar e aprender em comunhão (Machado, 2023). Em nosso contexto acadêmico, diz respeito aos Círculos Epistêmicos Afrocentrados (CEAfros), que aglutinam pessoas em redes de comunicação com o propósito de construir práticas cotidianas antirracistas.

Em síntese, o MAfroEduc Olùkó tem contribuído na sistematização e produção de outras histórias-narrativas. Nessa trajetória de pesquisa (2016 a 2024), consideramos, principalmente, as vozes das professoras AfroUniversitárias, que foram as narradoras protagonistas de seus discursos e experiências educativas. O grupo tem produzido estudos que tensionam o campo da episteme moderna, com ênfase na produção ontoepistêmica de perspectivas descoloniais e afrocentradas, especialmente, em dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/UFMA, além de artigos publicados em periódicos e capítulos de livro.

Esses estudos mantêm diálogo com a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC-MA), por meio da Supervisão de Modalidades e Diversidades Educacionais (Supmode/SEDUC/MA), com alcance às escolas de Educação Básica em comunidades quilombolas e de Terreiro, instigando-nos, ainda mais, sobre a possibilidade de localizarmos vestígios de educação com saberes afrocentrados e (re)existências ladinoamefricanos (Gonzalez, 2020) na Educação Superior e Educação Básica.

Nas comunidades tradicionais africanas, o sentido das existências e experiências são coletivas. No Brasil, tornou-se amplamente conhecida a expressão ubuntu, com a tradução “eu sou porque nós somos”. Aqueles que se arriscam a investigar mais profundamente essa filo-práxis africana, compreenderão a problemática desta tradução, uma vez que ela inicia com a expressão do “eu” ocidentalizada que não corrobora com a cosmopercepção africana das existências múltiplas e coletivas. A experiência do ser, manifestado a partir da noção de ubuntu, corresponde a todas as coisas: seres humanos, rio, árvore, processos e, inclusive, a educação.



Com essa inspiração ontológica, para este estudo, objetivamos discutir a noção de afroafetos na formação docente a partir de (auto)narrativas de cuidado fundamentadas em cosmopercepções africanas, a partir de nossas experiências de ser e estar na academia com o MAfroEduc Olùkò.

No aspecto metodológico, utilizaremos as (auto)narrativas de integrantes deste grupo de pesquisa destacando, especialmente, os afroafetos, cuidados e estudos afrocentrados que conduzem a outros saberes e práticas intersubjetivas e antirracistas. Falar de si, no contexto acadêmico, que proclama a necessidade de uma certa neutralidade é, por si só, um ato subversivo e, extremamente, necessário. Lorde (2021) nos convida a esse movimento de transformação dos silêncios impostos por modelos acadêmicos enrijecidos em uma linguagem que se transmuta na prática do cotidiano. A autora declara ter, cada vez mais, convicção de que

(...) o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser ferida ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras recompensas. (...) ainda estou viva, e poderia não estar (...) (Lorde, 2021, p. 51).

Assim, convidamos você, leitora ou leitor, a se sentar conosco em círculo - símbolo de nossa interconexão, ciclicidade, continuidade, uma forma de acolhimento em nossas reuniões de estudos - para partilharmos um café quentinho, preparado pelas mãos generosas de Guaciara Soares, saborear biscoitinhos trazidos com carinho por Maura Luza Frazão e ouvir (ou ler) nossas (auto)narrativas. Como bem nos ensina o ancestral Nego Bispo (Santos, 2023), somos povos de trajetórias: com começo, meio e começo de novo, um recomeço em movimento, sempre tecendo novas histórias.

2 (AUTO)NARRATIVAS EM MODOS DE SER E ESTAR NA ACADEMIA

Como mencionamos, no MAfroEduc compartilhamos nossas experiências, histórias, estudos e pesquisas com foco na promoção de uma educação antirracista e afrocentrada, especialmente na formação docente inicial e/ou continuada.

Se, muitas de nós, em um primeiro momento, aproximamo-nos do MAfroEduc por termos como orientadora de nossas pesquisas na graduação e na pós-graduação, a Prof.^a Dr.^a Raimunda Machado⁶, coordenadora do grupo, logo após os primeiros momentos com

⁶ Professora Adjunta do Departamento de Educação II, do curso de Pedagogia da UFMA, e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFMA). Doutora em Educação, Mestra em Ciências Sociais e Licenciada em Pedagogia. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Afrocentrada (MAfroEduc/UFMA) e do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Educação das Relações Étnico-Raciais e de



o coletivo, entendemos estar em um quilombo acadêmico, lugar coletivo de partilha e reforço de identidades diversas. Entretanto, compreendemos o quanto é um lugar de construção coletiva de conhecimentos e estudos afrocentrados que dão sentido às nossas narrativas, histórias, experiências e pesquisas, diferente do que, costumeiramente, nos defrontamos em outras salas de aula na academia, onde predomina o eurocentrismo (quando não é a única referência). Afinal, Mbembe (2018, p. 11) afirma que

(...) o pensamento europeu sempre tendeu a abordar a identidade não em termos de pertencimento mútuo (copertencimento) a um mesmo mundo, mas antes na relação do mesmo com o mesmo, do surgimento do ser e da sua manifestação em seu ser primeiro (...)

É nesses moldes que as Instituições de Educação Superior (IES) se estabeleceram como protagonistas da Ciência. As experiências de estar neste território ocorrem a partir de uma única maneira de pertencer a este espaço, exigindo o disciplinamento dos corpos, dos modos de existir, de realizar pesquisas e das formas de ser e se relacionar neste tempo/espaço.

Nesta lógica, a colonialidade, estrategicamente, se renova ao promover a exteriorização/objetivação, em outros termos, a saída de si mesmo para se adequar a um modelo único de ser estudante, professora/r, pesquisadora/r. À vista disso, como criar *condições e possibilidades* (Castiano, 2010) para que nossos modos de subjetivação, nossas experiências, histórias e nossas narrativas adentrem esse campo que é eurocentrado desde sua origem?

No MAfroEduc, seja nos círculos de estudos ou nas produções de nossas pesquisas (TCC, dissertações, teses, artigos), partimos de nossas localizações epistêmicas, situadas na América-Ladina (Gonzalez, 2020). Inspiramo-nos em cosmopercepções africanas, como a pedagogia ubuntuísta (Sousa, 2023), que nos estimulam à desobediência epistêmica (Mignolo, 2017). Esse movimento se manifesta tanto no aspecto da construção de relações horizontalizadas e permeadas por afeto, desafiando o ambiente predominantemente hierarquizado e supostamente neutro, quanto no estudo e elaboração de teorias e metodologias que valorizam nossos modos de ser e existir como seres humanos, professoras/es e pesquisadoras/es.

Nesta lógica, a pedagogia ubuntuísta (Sousa, 2023), por exemplo, fortalece os processos de subjetivação na medida em que possibilita voltar a si mesmo. Neste movimento, reconhecer a África que está em nós, aprender atitudes localizadas no ubuntu

Gênero (NEPERGE/UFMA). Pesquisadora dos Grupos de Estudos e Pesquisa: Educação, Mulheres e Relações de Gênero (GEMGe/PPGE/UFMA) e do Núcleo de Estudos e Pesquisa Roda Griô: Gênero, Educação e Afrodescendência (RODA GRIÔ/GEAfro/UFPI). É membra da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).



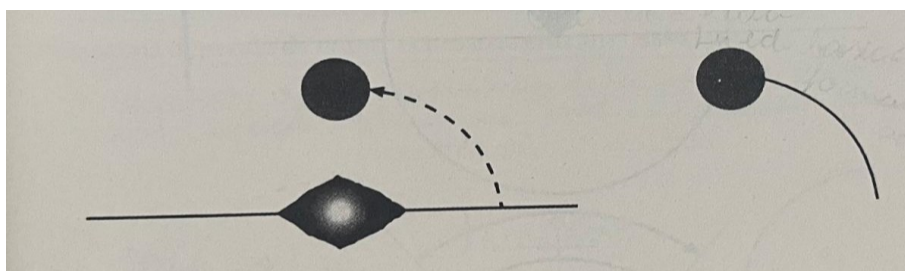
é, sobretudo, reconhecer de nossas histórias e culturas, nossa ancestralidade. Segundo Sousa e Machado (2023, p. 218) na pedagogia ubuntuísta, constituída no cotidiano afrocêntrico,

a valorização da humanidade de cada pessoa é elemento fundante, neste sentido o indivíduo (eu) reconhece ser parte de uma comunidade (nós), contribuindo na superação dos preconceitos de sexo, cor, raça, classe, religião, mesmo num espaço de estruturas coloniais, como são as universidades brasileiras. Tudo isso se dá em espaços/tempos de valorização de identidades plurais (...) sentem-se acolhidas/os quando uma pedagogia ubuntu contribui na travessia do SER a si mesmo, no autorreconhecimento e valorização da sua identidade racial e sexual.

Na cosmologia dos povos bantu-kongo, onde também está presente o ubuntu, a existência humana pode ser demonstrada através de ciclos que seguem e se renovam desde o nascimento até a vida após a morte, continuamente em movimento. Estes estágios ontológicos são descritos por Fu-Kiau (2024) na obra *O livro africano em título: Cosmologia dos Bantu-Kongo*, quais sejam: *Mussoni*, *Kala*, *Tukula* e *Luvèmba*.

Entre *kala* e *tukula*, existe uma fase que é denominada *kula*, representada pela linha, linha tracejada. Quando a pessoa alcança a posição de *tukula*, representada pelo círculo preto, ela assume o centro do cone de poder, a liderança, como na figura abaixo:

Figura 1: Kula: povos bantu-kongo



Fonte: Extraída de *O livro africano sem título: Cosmologia dos Bantu-Kongo* (Fu-Kiau, 2024, p. 43)

Segundo Fu-Kiau (2024), é no movimento de *kula* que a pessoa se desenvolve, amadurece e vai

(...) crescer em direção a fazer a própria história (...) até alcançar a posição de liderança e estar apto/a a exercê-la. (...) é também a fase de feitos da pessoa (...) o amadurecimento coletivo, sua liderança, por meio do processo de crescimento coletivo, possibilita o desenvolvimento social e da comunidade. (...) (Fu-Kiau, 2024, p. 43-44)

Esse amadurecimento é atravessado por relações de afeto que se constituem como potência de agir ou força de existir, envolvidas na transição/passagem do aumento ou diminuição da potência de agir, intercalando os sentimentos de alegria e tristeza em busca

de equilíbrio na constituição de lideranças em diferentes comunidades de aprendizagens, científica, poética e de afeto (Carvalho, 2009).

Podemos articular esse movimento de amadurecimento com nossas experiências de participação no MAfroEduc, no qual estamos continuamente sendo convocadas a exercer a liderança compartilhada. No grupo, a relação entre docentes e discentes é heterárquica⁷ e o planejamento dos Círculos Epistêmicos Afrocentrados (CEAfros) é construído coletivamente. A cada encontro, uma das participantes é responsável por apresentar seus estudos e projetos de pesquisa. Desta forma, na medida que precisamos nos preparar (crescer), selecionar e organizar material de estudo, produzir slides e, muitas vezes, treinar a apresentação, desenvolvemos segurança e autonomia para liderarmos, ao mesmo tempo em que conseguimos articular nossas histórias, nossas narrativas num processo contínuo e coletivo de ensinar/aprender dialogicamente, em comunidade. Nesta lógica, estamos construindo, também, outras possibilidades de formação docente afrocentrada, para além da sala de aula tradicional.

A cada encontro no MAfroEduc, constituímos comunidades de aprendizagem (hooks, 2017) e comunidades de afeto (Carvalho, 2009), que são também oportunidades de (re) aprendizagem docente (Sousa; Machado, 2022), pois a “nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros” (hooks, 2017, p. 17). Esse reconhecimento e o interesse pelas narrativas, pelas experiências, existências e vida umas das outras, como narrado desde a introdução deste texto, além de promover o entusiasmo e a curiosidade de aprender sobre nós (epistemologias afrocentradas), é, também, o que dá sentido e o desejo de estar, cada vez mais, participando de nossos encontros, já que é um lugar em que nossas narrativas não são desqualificadas, hierarquizadas ou menosprezadas.

Assim, a participação de docentes em formação e/ou iniciantes no MAfroEduc:

(...) subverte essa lógica de pensamento eurocentrado ao se interessar e dar destaque para as narrativas, trajetórias, valores e histórias de mulheres professoras afrodescendentes, garimpando vestígios de práticas educativas afrocentradas no magistério superior (Sousa; Machado, 2022, p. 102-103).

É neste movimento de ser sendo (ubuntu) docentes que estudamos e praticamos a afrocentricidade, fortalecendo nossas identidades plurais e coletivas, de identificação a

⁷ “(...) As heterarquias fazem-nos transpor as hierarquias fechadas rumo a uma linguagem de complexidade, a sistemas abertos e a um enredamento de múltiplas e heterogêneas hierarquias, níveis estruturais e lógicas estruturantes” (Grosfoguel, 2008, [s.p.]).

partir de nós mesmas e não da nomeação do outro que nos olha (numa exterioridade) com estranhamento, impondo-nos o não-pertencimento a esse espaço. Isto se explica porque “o ato de identificação é também uma afirmação de existência” (Mbembe, 2018, p. 263). Desse modo, é coletivamente, em comunidades de aprendizagem e afeto que reafirmamos nossas identidades afrodescendentes, afrodiaspóricas, de mulheres professoras e isso possibilitam as permanências e os avanços, mesmo situados dentro deste território colonial e colonizador, que é a academia.

Ao nos abirmos para escutar e partilhar subjetividades, narrativas de si e de nós, enfrentamos a rejeição e negação na academia que, frequentemente, sustenta-se em uma pretensa neutralidade. Nesse contexto, Mbembe (2018, p. 22) nos provoca com o seguinte questionamento: “quem de nós é capaz de duvidar que tenha chegado o momento de finalmente começar por si mesmo (...) e fundar algo inteiramente novo?”

Dessa maneira, o MAfroEduc anuncia e vivencia o advento de novas formas de ser e estar na academia, criando possibilidades para que professoras/es, aprendizes de professoras/es e pesquisadoras/es, bem como comunidade de estudantes, se alinhem a uma postura afrocentrada, embasada em princípios ubuntuístas, profundamente atravessados, permeados por afroafetos. São maneiras de construir campos possíveis (Carvalho, 2009) que desafiam as estruturas acadêmicas tradicionais, propondo fazeres científicos que estabelecem outros pilares fundamentais na afrodocência (Sousa, 2023), tais como: a coletividade, a ancestralidade e as práticas de cuidado.

3 AFROAFETOS E AFRODOCÊNCIA

A formação docente é um processo ininterrupto e circular. Mais uma vez, acionamos Negro Bispo (Santos, 2023): é começo, meio e (re)começo. Não nos tornamos professoras/es em dia e hora marcados. Não é um documento que nos define como tal ou que diz que, a partir de então, estamos prontas/os.

É nos diversos momentos de encontros, desencontros, escuta e acolhimentos que vamos cultivando, em cada um/a de nós, uma identidade docente. Das muitas sementes lançadas por meio das leituras, dos estudos individuais e coletivos, como também dos diálogos com professoras/es, colegas, discentes e seus familiares, vamos elaborando e reelaborando o que pensamos ser a educação e a nossa função nesse cenário.

O terreno arenoso, cheio de dúvidas e incertezas, vai tomando corpo e sendo preenchido por todo tipo de vegetação. Os fatores que interferem para qual se desenvolverá, são muitos: nossas percepções de mundo, concepções de vida, princípios e



valores, como também o tipo de informação e conhecimento ao qual temos acesso; as relações interpessoais com professoras/es e colegas, a receptividade ao trabalho que realizamos. Esse roçado é um pequeno pedaço de nossa subjetividade, diz muito, mas não tudo, sobre o quê/quem somos, como encaramos a realidade que nos cerca e que tipo de sociedade almejamos. Não estando finalizado após a colação de grau, continua sendo cultivado ao tempo em que nos defrontamos com o *chão da sala de aula* e a dinâmica das escolas.

Esse cultivo pode ser no meio de uma tempestade ou na calmaria. Pode nos trazer paz ou nos levar à insanidade; nos possibilitar sonhar ou virar um pesadelo pessoal. Em qualquer desses cenários, o afeto - como tecnologia do cuidado, pode nos “salvar”.

No contexto de enfrentamento ao racismo institucional e ao epistemicídio, o afeto que nos cura é aquele que parte do lugar de nossa dor, que reconhece nossas histórias, tão diversas e, ao mesmo tempo, tão comuns.

Porque partir da dor? Porque ela nos atravessa, marcada pelas relações de gênero, sexualidade, geração, classe, pertencimento racial, dentre tantas outras formações sociais que afetam a vida das mulheres negras. Olhar para a dor, deixa sua contribuição em nossa formação identitária, seja pela cicatriz ou pela reação que nos provoca.

Piedade (2017), ao falar das limitações do conceito de sororidade nas relações entre mulheres negras, elabora o conceito de dororidade e advoga em defesa de sua melhor adequação, pois ele “contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é Preta” (Piedade, 2017, p. 16).

Não há cura no silêncio, afirma hooks (2023): “É importante que as pessoas negras conversem entre si, que conversemos com nossas amigas e alianças, pois o ato de contar nossas histórias nos permite nomear nossa dor, nosso sofrimento, nos permite buscar a cura” (hooks, 2023, p. 23).

Ora, é preciso encarar a realidade, olhar “bem no fundo dos olhos” dessa dor e nomeá-la. Contudo, é importante não ficarmos apenas na dor, sendo necessário transgredir e ultrapassar a ferida. Afinal, como canta Pablo Vittar⁸, na música AmarElo⁹:

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar o pouco de bom que eu vivi
Por fim, permita que eu fale, não (não) as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes

⁸ Drag Queen, cantora e compositora brasileira.

⁹ Música do Álbum AmarElo (2009), de Emicida. Interpretada por Emicida, Pablo Vittar e Majur. Compositores: Antonio Carlos Belchior / Leandro Roque De Oliveira / Felipe Adorno Vassao / Eduardo Dos Santos Balbino. Disponível em: <<https://www.letras.com/emicida/amarelo-feat-majur-e-pablo-vittar/>>. Acesso em 19 dez. 2024.



É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir

Acreditamos que um caminho para irmos além das feridas e cicatrizes que o racismo causa em cada uma/um de nós, parte de nossa capacidade de nos afroafetar, pois o amor cura e é no ato e na arte de amar que nós nos recuperamos (hooks, 2023).

O MAfroEduc Olùkó é esse lugar onde mulheres negras se reúnem para se cuidar e se amparar enquanto cultivam sua identidade docente. É autocuidado e cuidado da/o outra/o, com ternura e amor, superando os estereótipos de fúria que o colonialismo associa às mulheres negras, historicamente privadas de afeto. Pessoas diferentes se cruzam nesse local de afeto, trajetórias cuidadosamente entrelaçadas, e são convidadas a, coletivamente, semear uma identidade profissional docente ubuntuísta sob a compreensão de que:

Se no passado reprimimos os nossos sentimentos como estratégias de sobrevivências, na atualidade o amor é um dispositivo poderoso para a sobrevivência da população negra e negra quilombola e o afroafeto que nos [conduzirá] a (r) existência nos espaços que antes era reservado para elite branca. [...] O afroafeto tornou-se para os coletivos de estudantes negros a maior ferramenta para a revolução no espaço acadêmico e para além dos “muros” epistêmicos, uma vez que a população indígenas, negra e negra quilombolas mantêm seus laços com a comunidade de origem (Quintiliano, 2019, p. 94).

Ali, o afeto nos fortalece e nos faz resistir. Juntas somos convencidas de que aquele é um lugar seguro para se dividir projetos, sonhos, medos e vitórias, sem concorrência ou julgamentos. Lugar de reconfigurar nossas relações umas com as outras e conosco, sem as permanentes disputas infladas pelo colonialismo, como também lugar para se confrontar o racismo epistêmico que questiona nossa *expertise* e competência para fazer ciência, já que:

Várias pessoas têm dificuldade em apreciar mulheres negras da maneira que somos, porque querem impor uma identidade em nós, baseada em vários estereótipos negativos. Esforços difundidos para continuar a desvalorização da mulheridade negra torna extremamente difícil, e muitas vezes impossível, para mulheres negras, desenvolver um autoconceito positivo. Afinal, somos diariamente bombardeadas por imagens negativas. De fato, uma força opressora forte tem sido esse estereótipo negativo e nossa aceitação dele como modelo viável a partir do qual podemos padronizar nossa vida (hooks, 2020, p. 144).

Recusar-se a tais estereótipos é um ato de resistência. Produzir conhecimento, em uma perspectiva afrocentrada, é solapar o discurso racista, disfarçado de ciência, que apela para uma suposta neutralidade científica quando ousamos falar de nossas histórias, nossas identidades, nossos modos de fazer/viver/ser. Aquilombar-se para fazer ciência com afroafeto é dar sentido ao que produzimos, ao tempo em que criamos e fortalecemos laços rompidos na diáspora. Trata-se de uma reparação histórica ao reconectar para fortalecer.

Um grito de guerra em forma de cântico, que avisa: “pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não assanha o formigueiro”¹⁰.

Não é apenas uma forma diferente de ver o conhecimento científico, mas também de se relacionar com ele, produzi-lo e transformá-lo com a intenção de fazer uma crítica contracolonial e denunciar/detonar seu pensamento, implodindo-o por dentro, naquela que é um dos principais espaços de imposição de sua lógica - a academia com seu currículo eurocentrado e falocêntrico.

Diante disto, podemos considerar que, no âmbito da formação docente, o MAfroEduc Olùkó está envolvido no cultivo de uma identidade profissional fundamentada em princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros, no desafio de concretizar uma formação docente - inicial e continuada - logo, alicerçada em princípios afrocêntricos.

hooks (2022, p. 104) ressalta: “(...) os que defendem a autodeterminação dos negros têm priorizado a ligação entre a educação e o desenvolvimento da consciência e do pensamento crítico (...)”. Por isso, uma formação docente afrocêntrica considera as africanidades como um eixo orientador e estruturante das concepções de vida dos/as africanos/as e seus/suas descendentes na diáspora. Possibilitando condições de agência às pessoas negras, ao reconhecer o lugar de seus saberes no contexto da produção de conhecimento, rompendo com a objetivação dos saberes, experiências e histórias que nega aos africanos e a seus descendentes, a “consciência de si”, capacidade de contar suas próprias histórias, de falar por si mesmos.

Nesta perspectiva, Lorde (2021) afirma que

para mulheres negras, assim como para os homens negros, é evidente que, se nós não nos definirmos, seremos definidos pelos outros - para proveito deles e nosso prejuízo. O avanço de mulheres negras que se definem sob suas próprias condições, prontas para explorar e buscar o nosso poder e os nossos interesses dentro de nossas comunidades, é componente vital na guerra pela libertação dos negros (...) Quando as mulheres negras neste país se unirem para examinar nossas forças e nossas alianças (...) ocorrerá um avanço que só tem a contribuir para o poder da comunidade negra como um todo (...) (Lorde, 2021, p. 58)

Assim, o projeto afrocêntrico na formação docente inicial e continuada que vem sendo desenvolvido no MAfroEduc, constitui-se em estratégia de resistência à supremacia masculina, branca e europeia, revolucionando ao

posicionar a história e a cultura africana, também, no centro da produção do conhecimento, ao lado de outras experiências; evidenciar os saberes africanos e afrodescendentes, reorientando-os a centralidade de sua própria história; desafiar a dominação eurocêntrica, ainda presente nos currículos das universidades brasileiras; inspirar a busca pelo reconhecimento da identidade racial e da nossa ancestralidade (Pereira, 2023, p. 70).

¹⁰Expressão popular nos movimentos sociais de rua.



Asante (2016, p. 12) pontua que um Projeto Afrocêntrico, “gira em torno da cooperação, da coletividade, da comunhão das massas oprimidas, da continuidade cultural, da justiça restaurativa, dos valores e memórias dos povos marginalizados, oportunizando a valorização de nossa identidade racial, nossos saberes e nossa ancestralidade.”

Isso tem sido considerado no planejamento e concretização das atividades de ensino e pesquisa do MAfroEduc, na medida em que realizamos os CEAfro’s e desenvolvemos estudos e pesquisas, além da prática de compartilhamento e reflexão coletiva dos textos científicos produzidos pelas integrantes (relatórios, artigos, monografias, dissertações e teses). Não há um trabalho individual. Essa produção resulta da contribuição de muitas mentes e de corpos transgressores, insubmissos que ousam fazer ciência compreendendo que:

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação de libertação coletiva, não existe brecha entre teoria e prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas, um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra (hooks, 2017, p. 85-86).

É um desafio se manter firme nesse propósito de vivenciar uma pedagogia ubuntuísta na formação de professoras/es. Impulsiona-nos a esperança de estar, juntamente com outros coletivos negros espalhados nos diversos espaços acadêmicos, contribuindo para que as gerações futuras, de intelectuais negras, vivenciem possibilidades outras de produção de conhecimento, onde possam coexistir com seus pares de forma não egoísta, mas comunitária, antirracista e policêntrica (Nogueira, 2012).

A esperança nos alimenta e nos motiva a permanecer em luta. Como *Agojie* (defensora do reino de Daomé) em nosso tempo, pois herdamos de nossas ancestrais a arte de cuidar, nos reinventando para praticá-la junto com o autocuidado. Fazer isto, de um modo afrocêntrico, é praticar o afroafeto e, na formação de professoras/es, é afrodocência. Não se trata de romantizar as relações estabelecidas entre nós mulheres negras, mas do esforço de viabilizar uma

[...] aproximação pelo amadurecimento político e o reconhecimento que as variadas e históricas formas de opressão foram enfrentadas historicamente por uma rede de resistência que se fortalecia e se fortalece, sobretudo pelo afeto, acolhimento, cuidado e respeito. Trata-se do vínculo identitário que abraça a ancestralidade, a fraternidade e a empatia entre negras, indígenas e quilombolas (Quintiliano, 2019, p. 86).

Não é fácil falar de amor, quando muito pouco lhe é oferecido. Muito menos se afirmar como uma intelectual que faz ciência com afroafeto quando “nossos corpos são violados e nossa intelectualidade questionada, na sala de aula em todos os espaços, pelos



ouvidos que não ouvem, pelas nossas vozes que falam mais do que escutam” (Quintiliano, 2019 p. 89). Retomando Neusa Santos Souza (1948 a 2008), reconhecer-se como mulher negra é “viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências compelidas a expectativas alienadas” (Souza, 1983, p. 17-18).

Como *Agojie* não recuamos. A experiência de se reconhecer como intelectual negra e afrocentrada no universo acadêmico, branco, elitista e falocêntrico, é, voltando aos argumentos de Sousa (1983), comprometer-se com o resgate de nossa história e recriação de nossas potencialidades porque

quando falamos nós temos medo
de nossas palavras não serem ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
ainda estamos com medo.
Então é melhor falar
lembrando
nunca estivemos destinadas a sobreviver (Lorde *apud* hooks, 2023, p. 34).

É preciso transformar nossa dor em luta (Piedade, 2017). Isso é um projeto de cura coletiva, de busca de representatividade, de “criação de todos os tipos de imagens e representações que nos apresentem de forma como somos e queremos ser” (hooks, 2023, p. 101). Com afroafeto vamos abrindo caminhos, compartilhando sonhos, comemorando conquistas. Amando, sendo amadas e nos amando porque é direito nosso viver plenamente e não apenas sobreviver. Por nós, por quem veio antes de nós e pelas que virão.

4 Considerações finais

As políticas de ações afirmativas, como as cotas, resultado da luta do movimento negro no Brasil têm garantido o acesso de pessoas negras no Educação Superior. Uma das possibilidades de ingresso na universidade são as licenciaturas que formam as/aos futuras/os docentes. Mesmo com a garantia de acesso, a academia não é território equitativo, isento de (re)produção das estruturas misóginas, classistas e racistas presentes na sociedade brasileira, tornando esse território hostil, adoecedor e campo de (re) produção de violências.

Como vimos, o MAfroEduc tem sido um espaço-tempo de respiro, vivências e (re)afirmação de nossa presença e identidades plurais no contexto universitário, especialmente na formação docente. Com cuidado umas com as outras, com afroafeto e café quentinho, temos nos reunido para estudar teorias, mas também compartilhar



experiências e narrativas nossas, que nos constitui enquanto mulheres negras, estudantes, docentes e pesquisadoras.

Temos construído um espaço seguro (quilombo acadêmico) dentro de uma academia que nos olha de volta com estranheza, por nossos corpos, cabelos, roupas, turbantes, mas também para nosso intelecto, para nossa produção, para nossas intenções de pesquisa. Estamos construindo novas formas de ser, estar e se relacionar dentro da universidade, com afeto, não-hierarquização, fundamentadas pelas ontoepistemes africanas, afrodiaspóricas e afrobrasileiras. Axé!

REFERÊNCIAS

ASANTE, M. K. Afrocentricidade como crítica ao paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma idéia. **Ensaios Filosóficos**, v. 14, dez. 2016. Disponível em: https://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/02_ASANTE_Ensaios_Filosoficos_Volume_XIV.pdf. Acesso em 16 dez. 2024.

CARVALHO, Janete Magalhães. **Cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

CASTIANO, José P. **Referenciais da Filosofia Africana**: em busca da intersubjectivação. Moçambique: UDEBA, 2010.

FU-KIAU, Kimbwandènde Kia Bunseki. **O livro africano sem título**: cosmologia dos Bantu-Kongo. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROSFOGUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais**: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global», Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: 19 dez 2024.

hooks, bell. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidade. São Paulo: Elefante, 2022.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. Tradução: Bhuvi Libanio. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2 ed. São Paulo: Editora EMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Irmãs do inhome**: mulheres negras e autorecuperação. Tradução Floresta. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva (Org). **Professoras AfroUniversitárias**: artesãs de educação Afrocentrada. São Luís: Viegas, 2023.



MACHADO, Raimunda Nonata da Silva.; SOUSA, Soraia Lima Ribeiro de. MAfroEduc OLÙKÓ e a formação docente afrocentrada – lugar de esperançar. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 1, p.1-14, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/62866>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais obscuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2020.

NOGUERA, F. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros**, Uberlândia, v. 3, n. 6, nov. 2011 – fev. 2012, p. 147-150. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/358>. Acesso em: 10 dez. 2024.

PEREIRA, Walquíria Costa. **Professoras Afrouniversitárias da LIESAFRO**: entre práticas educativas intersubjetivas. Curitiba: CRV, 2023.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

QUINTILIANO, Marta. **Redes Afro-indígenaafetivas**: uma Autoetnografia sobre Trajetórias, Relações e Tensões entre cotistas da Pós-Graduação stricto sensu e Políticas de Ações Afirmativas na Universidade Federal de Goiás. 2019 Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12201>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SOUSA, Soraia Lima Ribeiro de. **Pedagogia ubuntuísta**: formação inicial com afrodocência. Curitiba: CRV, 2023.

SOUSA, Soraia Lima Ribeiro de.; MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. Um aquilombamento acadêmico: o MAfroEduc Olùkó na (re)aprendizagem docente. In: FERREIRA, Dulcinéia de Fátima.; MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. **Centenário de Paulo Freire: dialogicidade e educação entre lutas e amorosidades**. São Luís: EDUFMA, 2022. Disponível em: https://www.edufma.ufma.br/wp-content/uploads/woocommerce_uploads/2022/04/Ebook-Centen%C3%A1rio-de-Paulo-Freire-1.pdf. Acesso em: 9 dez. 2024.

SOUSA, Soraia Lima Ribeiro de; MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. Pedagogia Ubuntuísta: epistemologia antirracista na formação inicial docente. **Revista Educação e Emancipação**, v. 16, n. 3, p. 203–231, 2023 Disponível em: <https://www.periodicoelectronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/21519>. Acesso em: 14 jan. 2024.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

